

## TROPA DE ELITE 2

# Cinema político de primeira grandeza

*José Padilha conseguiu brilhantemente fugir da elitização do discurso, retirando a obra do colo dos intelectuais e passando-a às mãos de um público que não tem a mínima ideia do real problema do Brasil*

MARCELO COSTA

**H**á uma distância significativa entre arte e crítica, um espaço que vem se ampliando cada vez mais, passando de uma micro-rachadura nos anos 1950 para um enorme cânion na atualidade. A culpa do aumento do buraco foi, em primeira estância, a industrialização da cultura, que nas décadas de 1960 (música) e 70 (cinema) deixaram de serem objetos de nicho para se transformarem em fenômenos de massa. Filmes e discos passaram a vender milhões, e a crítica foi atropelada pelo mercado.

Um dos sintomas deste atropelamento foi a perda de força da crítica cultural, que continuou (e continua) existindo, mas praticamente se desmaterializou frente às cifras astronômicas da indústria de massa. Boa parte de artistas, músicos e cineastas, na posição central de criadores (tal qual um Deus no Olimpo), passou a ignorar opiniões, e o processo crítico enfraqueceu - e, de certa forma, a arte (e principalmente "gênios" que adoram esmurrar pontas de faca) perderam um norte.

O cineasta José Padilha foi do inferno ao céu com "Tropa de Elite", um filme de grande sucesso de público, que arrebatou o Urso de Ouro no Festival de Berlim, mas que ganhou a pecha de reacionário e fascista em dezenas de críticas. Padilha defendeu o filho pródigo

em debates, entrevistas e em qualquer outra brecha que aparecesse pelo caminho, e esse calvário crítico teve total influência sobre "Tropa de Elite 2", que como definiu muito bem o jornalista Daniel Piza, no "Estadão", não é uma continuação do primeiro, e sim uma desconstrução.

O cenário é o mesmo (Rio de Janeiro, dias de hoje), mas o foco mudou. Isso não fica perceptível na primeira meia hora da película, tempo em que o Tenente Coronel Nascimento (Wagner Moura novamente sensacional) aponta sua metralhadora verbal para sociólogos e bandidos, e despeja munição com sorriso no rosto (dele e da plateia). "Tem muito intelectualzinho de esquerda que ganha a vida defendendo vagabundo. E o pior é que esses caras fazem a cabeça de muita gente", esbraveja Nascimento com uma certeza que será colocada à prova nos minutos seguintes.

A coisa toda degrading assim que Matias (André Ramiro), comandando um esquadrão no meio de uma rebelião dos cabeças do tráfico na penitenciária Bangu 1, coloca em prática aquilo que aprendeu no Bope (e que todo o público viu no primeiro filme). Bandido bom é bandido morto, diz a máxima popular, e a ação de Matias causa uma reviravolta na vida de Nascimento, que é aplaudido



pelo povo ao mesmo tempo que se vê obrigado a deixar o comando do Bope, mas "cai pra cima" e se transforma em Sub-Secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro. Seu plano: pessoal "foder a máquina dentro da máquina".

Depois de meia hora de exibição, "Tropa de Elite 2" mostra que José Padilha ouviu com atenção tudo aquilo que lhe foi cobrado pela crítica no primeiro filme. Trabalhando em um órgão público, Nascimento percebe/descobre que o problema do tráfico (e, em extensão, da polícia, da educação, da saúde e, de modo geral, do Brasil) é bem mais complexo do que se pa-

rece e que seu inimigo é outro (não a toa, o subtítulo do filme) começando assim uma escalada rumo à destruição (dele próprio e do meio que o cerca).

Velhos conhecidos retornam. Além de Nascimento e Matias, Capitão Fábio (Milhem Cortaz), Russo (Sandro Rocha, um dos três grandes personagens do filme) e Rosane (Maria Ribeiro) também marcam presença dividindo espaço com novos personagens, como o ativista Diogo Fraga (Irândhir Santos, a segunda estrela de "Tropa de Elite 2"), a jornalista Clara (Tainá Müller), o caricato governador do Rio e o tragicômico Deputado Fortunato (André Mattos em atuação excelente). Até Seu Jorge brilha.

Saem de cena os traficantes, entram as milícias. Policiais corruptos ocupam o lugar de bandidos (escrito assim sugere redundância) enquanto o Estado, ausente e impotente (e pouco se lixando), observa a readequação do caos. O tom, todavia, é didático (às vezes em excesso). Favorecido pela narração em off do Capitão Nascimento, que não só expurga demônios pessoais (a separação da mulher, o relacionamento difícil com o filho) e profissionais como também explica tintin por tintin tudo o que se desenrola na tela, "Tropa de Elite 2" ganha em foco, mas perde em impacto.

A força do primeiro filme residia exatamente em não deixar o

público pensar na sala de cinema. Seu ritmo vertiginoso não abria espaço para reflexões nem críticas. Prostrado na cadeira, o público podia apenas observar (e aplaudir?) a acelerada carnificina à espera do próximo fotograma. "Tropa de Elite 2", por sua vez, é tão violento quanto seu antecessor, mas abre espaço para que o espectador observe, reflita e entenda a mudança de comportamento e de conceitos do amigo Nascimento. O resultado, ainda que menos impactante em ação (não em texto), é cinema político de primeira grandeza, algo raro nestes tempos neste País.

Mais: José Padilha conseguiu brilhantemente fugir da elitização do discurso, que talvez transformasse "Tropa de Elite 2" em filme cult e não em sucesso de massa, retirando a obra do colo dos intelectuais e passando-a às mãos de um público que não tem a mínima ideia do real problema do Brasil. Nascimento pode soar didático para muita gente, mas não para a massa que elege palhaços (com e sem sentido figurado) muito menos para a classe média que "vê" revistas, mas não enxerga a realidade do País. Para estes, "Tropa de Elite 2" não é um soco no estômago, mas sim uma pedalada na nuca. Quem sabe funciona no tranco.

Afinal, você sabe, "o sistema é foda, parceiro".

Marcelo Costa é jornalista.

### LIVROS | O que você está lendo?

Arquivo Pessoal



#### Rodrigo Petronio

Escritor

“Reli há pouco o ‘Ascese’, a bíblia de Nikos Kazantzákis. Estou lendo o ‘Outono da Idade Média’, clássico do historiador Johan Huizinga, na nova edição integral da Cosac Naify, e ‘O Mestre e Margarida, de Bulgákov’. Também ando me divertindo muito com os aforismos de Karl Kraus, que saíram pela Arquipélago. Próximas incursões serão os contos de Isaac Babel, ‘Os Inocentes’, de Hermann Broch e ‘O Melro’, de Musil.”

Arquivo Pessoal



#### Pedro Novaes

Diretor cinematográfico

“Leio ‘A Cidade e os Cachorros’, o romance de estreia de Vargas Llosa, cujo relato da brutalidade da vida dos adolescentes num colégio militar em Lima me faz pensar que essa discussão da moda sobre ‘bullying’ parece um tanto torta, mais um tema em que acho que vamos adotando um equivocado viés ‘americano’ para encarar e regular a vida social.”

## CONTO

# À maneira de João Antônio e Samuel Rawet

*“Naquela semana em que notaram sua primeira ausência, a folha do calendário tinha virado de novo e já estávamos em outra estação. Sua ausência confundia-se com o ar rarefeito daqueles dias sem graça, enquanto lá fora anônimos seguiam o ritmo frenético da vida”*

A morte o esperava como um ventre.

Carlos Nejar

## RONALDO CAGIANO

Os sucessivos telefonemas a que não atendia acenderam uma luz amarela. No trabalho já não sabiam mais o que fazer, se cortavam o ponto ou se ligavam para alguém da família. Mas, quem eram seus parentes?

Pouco sabiam de Heleno, sempre albergado em sua aborta e taciturna misantropia. Nada além das migalhas de informações sobre si. Quando muito sobrassia a paixão pelo Corinthians, escapa o nome de um colega de copo e de sinuca, jogo ao qual era habituê num bar decadente da baixa Augusta.

Nem mesmo a derrota que culminou no rebaixamento do Coringão o sentenciou em casa. Depressão não era com ele, a rua era o seu divã.

Enquanto uns fogos espocavam pelos lados do Morumbi, balas perdidas atingiram casas na Rocinha naquela noite. A diferença entre um estouro e outro, na Paulicéia e no Rio, eram as motivações. No Iraque muita gente continuava perdendo a vida por uma cau-

sa. Boas ou más, elas não merecem que coloquemos nossa existência à prova. Mas, o que é viver e morrer em um mundo em que as razões mudam de lugar a cada dia, ao sabor das conveniências políticas; e os dramas sociais continuam a esperar; e vida e morte se confundem numa luta de titãs, e banalizam a existência? Stalin e Hitler não me deixam mentir: um nome a mais no obituário já não é uma tragédia, é mera questão estatística. As esquinas já não (a)guardam surpresas.

E os homens tão imóveis e gelados como o Himalaia.

E no ambiente onde trabalhava, a mesma confusão babélica de vozes, onde ele sempre se esquivava numa leitura em sua mesa atulhada de souvenirs, como a velha flâmula da conquista do bicampeonato na Copa de 62.

Há dias Heleno não aparecia. O Marcondes não costuma ser babá de funcionário, mas agora ele exigia uma explicação. “Como? O homem não aparece, tenho prazos na obra, assim não dá. Nem telefona, sequer uma desculpa ou satisfação, caramba, e vocês são testemunhas, nunca reclamei das bebedeiras dele, desde que entregasse os projetos em dia.”

Havia algo muito esquisito no ar. A sala não é a mesma sem ele. A Luana, com quem mais se dava, dividindo suas idiossincra-



sias filosóficas e o cego apego ao espiritismo, percebe algo de sinistro nesse sumiço incomum. “O homem não tem ninguém, pelo menos nunca disse nada, é melhor avisar à polícia, ele pode ter desaparecido e a gente aqui sem fazer nada.”

A varanda estava coberta por uma lâmina de poeira que se misturava ao rescaldo das goteiras da última chuva, deixando um rastro seco no piso. Algum animal passou também por ali, gato ou cachorro, espalhando a correspondência pelo chão, cravando um desenho caótico com suas patas silhuando a cerâmica. A conta de luz umedecida do orvalho jazia na grama do jardim, sacolas de pão se acumulando, a lâmpada da sala acesa, uma falta de movimento. E um exército de varejeiras, num bailar alucinado e estridente, tentava penetrar a vidraça da entrada principal.

Não compareceu aos compromissos da semana, o ponto aberto. A última vez em que deu as caras foi no sepultamento do velho Aristides, o amigo de infância fulminado por um AVC.

Rosimere lembrou-se de tê-lo visto na véspera da fatídica decisão entre Corinthians

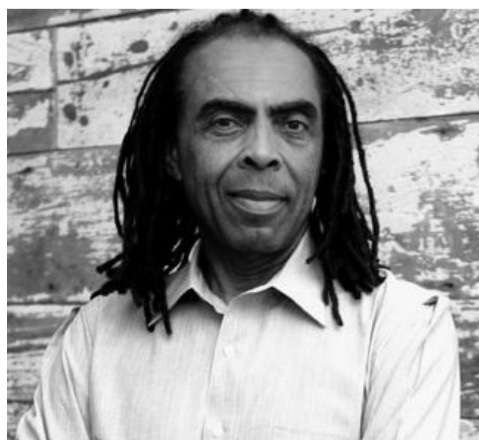
## CIRCUITO CULTURAL

### Artistas Goianos em Gramado

Doze artistas plásticos goianos participam como convidados do 22º festival de turismo de Gramado, que acontecerá até 22 de novembro, em Gramado, no Rio Grande do Sul. São eles: Alexandre Liah, Amaury Menezes, Edney Antunes, Fernando Costa Filho, Gilvan Cabral, Goiandira do Couto, G.Fogaça, Nonatto Coelho, Roos, Sandro Torres, Tai e Tolentino.

### Gilberto Gil e Macaco Bong na UFG

Em homenagem aos 50 anos da UFG o projeto Música no Campus recebe no domingo, 21, às 19 horas, o show Futurível. O cantor Gilberto Gil protagoniza um encontro com a nova geração da música brasileira, o trio instrumental Macaco Bong, de Cuiabá. O trio baseia-se na desconstrução dos arranjos da música popular em seus formatos convencionais e alia a linguagem das harmonias tradicionais da música brasileira com jazz, fusion e rock-pop. O nome do show é uma homenagem a canção composta por Gilberto Gil em 1969, que junta as palavras 'futuro' e 'possível', sinalizando a constante tematização da tecnologia. O evento também é parte da programação da 16ª edição do Goiânia Noise. Os ingressos custam R\$ 40,00 (inteira) e R\$ 20,00 (meia).



Divulgação

### 8º Concerto Oficial da Orquestra Sinfônica

Domingo, 21, às 11h, acontece o 8º Concerto Oficial da temporada 2010 da Orquestra Sinfônica de Goiânia, com regência do Maestro Joaquim Jayme. No programa estão obras de Gustav Mahler, Heinrich Biber, Vivaldi, Mozart, Glück e Aaron. A Orquestra Sinfônica de Goiânia foi criada em 1993, com o objetivo de divulgar e apoiar a música sinfônica, de câmara e lírica, em Goiânia. É composta por 70 músicos que tocam os instrumentos: violinos, violas, violoncelos, contrabaixos, flautas, oboés, clarinetas, fagotes, trompas, trompetes, trombones, tuba, tímpano, percussão e teclados. Além de um coral composto por 48 vozes.

e Grêmio. Fumava seu cigarro, o olhos viajando na distância, nem a percebeu quando se cruzaram na esquina da Consolação com a Paulista. Sempre vagava pelo cinturão de cinemas, sebos e livrarias. “O Belas Artes é meu templo, Vicente.” Uma paixão visceral por cinema, teatro e literatura. Com ele descobri Win Wenders, Plínio Marcos e Camus. “Eles são os inimigos fatais da mediocridade.”

Debruçado nas suas pranchetas, esmerava-se no planejamento dos ambientes, adequando-os à personalidade dos clientes da incorporadora. Ele tinha algo de quixotesco e chapliniano, o sonho misturado ao humor. Metódico e solitário, tentava superar sua insularidade, arrostando com seu olhar cirúrgico o mundo que — ele não cansava de repetir nas suas ácidas inconfiências — estava “robustecido pela efervescência dos mentecaptos, pelos fetiches do deus mercado, oscilando entre o alheamento e a passividade, a falta de comunicação e a sedução consumista, dantesco, cheio de coisificação e etiqueta, ora perdido na fé irracional, ora dominado pela beligerância.”

Nas primeiras dores, certamente teria tentando gritar, o corpo contorcendo na poltrona, a televisão ligada, a impossibilidade de caminhar até ao telefone, mas seria inútil, o sinal havia sido cortado pela conta atrasada. A quem, então, recorrer? A vizinhança era uma incógnita, não se relacionava, a não ser com seus fantasmas, ou com os passarinhos na gaiola. Mas esses já haviam sido doados a um colecionador, Heleno também já não tinha paciência nem dinheiro para manter Beethoven e Mussolini, os dois cães que trouxe de Brasília, rações caras, cuidados, veterinário e o périplo cansativo de todos os dias os coleirando pelas ruas, que mudaram de dono fazia tempo.

Naquela semana em que



notaram sua primeira ausência, a folha do calendário tinha virado de novo e já estávamos em outra estação. Em Cuba, a notícia da renúncia de Fidel Castro já não pegou o mundo de surpresa. As folhas que caíam das árvores e se acumulavam ao redor da casa impingiam a nudez do outono em todas as coisas. E os americanos espreitavam com interesse incomum as primárias republicanas e democratas, que acenavam com a possibilidade de uma mulher ou um negro ascenderem à Casa Branca.

Na segunda-feira em que deveria chegar cedo ao trabalho, a reunião com os representantes de uma construtora que estudaria a viabilidade de um condomínio de escritórios nos Jardins começou e terminou sem ele. E seu corpo estava lá, imune e imóvel aos interesses que moviam as discussões em torno de uma mesa redonda sobre o novo empreendimento.

Nada de novo na terça, a não ser despachos rotineiros dando sequência aos trâmites burocráticos em seu setor. E seus olhos já não enxergavam a luz, jazen-

do na penumbra da sala, tendo como testemunhas as formigas doceiras que invadiam o latifúndio do açucareiro abandonado sobre a pia da cozinha e o rádio ligado no criado mudo reverberava a voz de um locutor histriônico que noticiava mais uma das tantas cenas policiais do dia, com seus requintes de perversidade e violência.

Uma quarta-feira morta como a vida que ninguém sabia que estava ali, enrijecida e cristalizada em sua imutabilidade, vencida pela súbita visita das Parcas.

Enquanto na manhã de quinta um casal de evangélicos era detido por corrupção na alfândega de Miami, Heleno convertia-se em mistério e num hospital da Baixada Fluminense já não havia mais como alojar os pacientes infectados pelo *Aedes aegypti*. O caos se instalara na rede médica carioca, assim como os vermes que já visitavam sua carne, entregue para sempre ao desatino da desorganização celular.

Alheio à sua casa que nunca recebia visitas, mas restava povoada de insetos que tingiam os basculantes do banheiro, o trânsi-

to de sexta na capital paulista acumulava cento e vinte quilômetros de congestionamento, numa repetição enfadonha do estresse urbano, apesar do revezamento de automóveis imposto pela administração de um prefeito jactante e também cioso do expurgo dos outdoors que em passado recente transformou a cidade num mosaico surrealista e poluidor da visão de seus habitantes.

O sábado ainda engatinhando e no centro velho da metrópole quatrocentona as obras do metrô não dormiam e uma tubulação de esgotos exalava um mau cheiro, tão insuportável quanto os miasmas que escapavam de sua casa, onde sua vida se apagou como uma lamparina extenuada.

Domingo sem sol, e a garoa não impedia que católicos rumassem à Catedral da Sé para a missa das sete, enquanto não muito longe dali, a céu aberto, protestantes divididos entre a oração e a ereção, faziam o prego de uma fé alucinada e delirante, onde exercitavam a chantage espiritual e cobravam pedágio para um céu inalcançável.

Tentaram ligar para sua casa,

reiterado silêncio. Com que mais se importaria Heleno, se já não tinha sentidos para a fruição do canto gregoriano que tantas vezes fluía de um órgão, enquanto lia Proust? E que notícias esperavam os ouvidos agora transformados em bolhas de pus? Não importaria mais se o tempo brilhava ou fazia chuva, agora que o humor aquoso de seus olhos, drenado pela indesejada das gentes, num dia que ninguém sabia precisar, não resistiria à conspiração zelosa de seus órgãos fatigados.

As horas foram se repetindo numa cronologia que desconhecia as razões e reações humanas, como se multiplicavam as preocupações dos que tentavam entender um homem sem notícias. Sua ausência plantando desconfiança e preocupação no coração dos mais próximos, confundia-se com o ar rarefeito daqueles dias sem graça, enquanto lá fora anônimos seguiam o ritmo frenético da vida, confiantes nas suas responsabilidades, indiferentes à imponderabilidade da sorte, sem outra alternativa, senão continuarem ensimesmados, devastados pela realidade que os tornavam submissos e imutáveis, esperando um dia depois do outro, o salário no fim do mês, o beijo burocrático da esposa, o abraço automático dos filhos e as expressões solenes dos subalternos.

Quando o descobriram, já era uma massa disforme e miasmática e o domingo um dia triste e sem finalidade. Do abismo de sua escuridão insondável e sem explicação, levaram-no sem homenagens nem missa de corpo presente para um mundo sem ênfase, pomar de bactérias.

\*O conto “À maneira de João Antônio e Samuel Rawet” recebeu o 1º lugar no Prêmio Nacional de Literatura de São Bernardo do Campo (2010).

Ronaldo Cagiano é escritor.

CRÔNICA | Menalton Braff

Apenas um filhote

Ontem apareceu um filhote de andorinha na varanda aqui de casa. Como chegou até aqui, não imagino. Sei que elas, as andorinhas, andaram rondando meu telhado, mas daí a ocupá-lo sem permissão me parece uma invasão ilegal. O filhote piou com tal intensidade que, mesmo sem saber ainda tratar-se de um filhote de andorinha (com sua capa escura e o peito branco) me botei a procurá-lo. Encontrei o filhote escondido atrás de um vaso de calanchoê. Ele ficou imediatamente mudo, pois, em lugar da mãe, o que lhe apareceu foi um monstro horrível. Imagino que nesse momento estivesse arrependido de

haver piado, pois pio sempre denuncia. Assim é a vida. Os antigos diziam que bom cabrito não berra. E acho que não berram para não se denunciarem.

Levei a mão aberta em sua direção, num gesto que qualquer um deveria entender tratar-se de uma oferta de ajuda, mas que a avezinha, em sua profunda ignorância dos gestos humanos, quem sabe com profundo conhecimento dos mesmos, interpretou como ameaça à sua pequena vida. Saiu batendo as asas, que foram feitas para cortar espaços, ou para planar em longos e suaves círculos, mas elas ainda não tinham treinado o suficiente. Enfim, sua

vida era ainda pequena. Mal conseguiu uma altura de mais ou menos um metro, já teve de aterrissar, por causa do cansaço. Mas ele tinha uma vida a preservar, por isso manteve-se atento.

Contornei alguns obstáculos e me aproximei novamente. Era minha ideia proteger o filhote de andorinha, mesmo contra sua vontade, como costumamos fazer, nós, os humanos, que estamos sempre salvando-nos uns aos outros, quase sempre com prejuízo de todos. De longe consegui ver seus olhinhos pretos e redondos, que brilhavam de pavor. Então adivinhei seu pequeno coração descontrolado, com seus duzentos e cin-



quenta batimentos por minuto.

Quando novamente estendi o braço querendo pegá-lo, ele, que ainda não me compreendeu, fugiu para o jardim. Lá, a cena repetiu-se duas, três vezes, até que me lembrei

ofhires.com/w4mpx

de uma história antiga.

A esposa do elefante, a dona aliá, passava por uma trilha da floresta quando se deparou com um filhote de pardal no chão, tremendo de frio. Condoída com a sorte do filhote, ela deitou-se em cima dele para aquecê-lo. Já fiz muito disso em minha vida até chegar à conclusão de que o belo gesto é aquele que está adequado à circunstância.

A lembrança da história repuxou-me a consciência e deixei que ele sozinho fosse cuidar de sua vida. E fui cuidar da minha, que já não é pouca coisa.

Menalton Braff é escritor.

## HISTÓRIA

# Museu Pedro Ludovico reabre depois de obras de restauro e revitalização

**As obras abrangeram desde o prédio, com o restauro de paredes, telhados, piso, até a exposição de longa duração que ganhou novos painéis informativos e novos recursos para estudo e pesquisa**

A presidente da Agepel, Linda Monteiro e o governador de Goiás, Alcides Rodrigues reabrem no dia 25, quinta-feira, o Museu Pedro Ludovico, unidade da Agência Goiana de Cultura, criado em maio de 1987 pelo Governo de Goiás. O evento vai acontecer às 20 horas, no hall de entrada do Museu, que fica na rua dona Gercina Borges, 133, centro.

A casa foi construída de 1935 a 1937 para ser residência da família Ludovico. Nos períodos que Pe-

dro Ludovico foi governador e senador, a família transferiu-se para o Palácio das Esmeraldas e para a cidade do Rio de Janeiro, respectivamente. Em 1969, depois de passar por temporadas arrendada e alugada, a casa recebeu novamente a família, que nela permaneceu até a morte de Pedro Ludovico, em 1979. Em 25 de setembro de 1979, a Lei 8.690 autorizou o Governo de Goiás a desapropriar o imóvel para implantar o museu, que entrou em funcionamento oito anos depois, em 1987.

## O Projeto de Revitalização

O Projeto de Revitalização da Exposição de Longa Duração do Museu Pedro Ludovico integra as ações de revitalização das exposições de longa duração dos museus estaduais goianos realizadas desde o ano passado pela Agência Goiana de Cultura. Além do Museu Pedro Ludovico, os trabalhos envolveram o Museu Ferroviário de Pires do Rio (que vai ser reinaugurado em dezembro próximo) e o Museu da Imagem e do Som (que foi reaberto em agosto do ano passado).

No caso do Museu Pedro Ludovico, o Projeto manteve a proposta original de 1987, que definia o Museu sob duas vertentes: a figura de Pedro Ludovico Teixeira e a história de Goiás. A preservação da memória do fundador de Goiânia foi efetivada através da musealização do acervo deixado pela família - textual, mobiliário, prataria, porcelana, cristais e indumentária. A casa e seus elementos constitutivos e estilísticos também foram submetidos ao tratamento museológico.

O centro de pesquisa sobre a construção e o desenvolvimento de Goiás foi constituído a partir dos documentos textuais produzidos e colecionados ao longo dos 40 anos de vida pública de Ludovico.

Foi mantida também a concepção museográfica do projeto original, que conduz o visitante a vivenciar a figura de Pedro Ludovico em diferentes relações: Pedro Ludovico, o político; Pedro Ludovico, o homem; Pedro Ludovico, a família; Pedro Ludovico, a mudança da capital.

Na proposta expositiva atual, foram acrescentados dois novos ambientes temáticos: um deles re-

servado para Gercina Borges Teixeira, que será apresentada através de sua obra pioneira de assistência social e da presença determinante na família e nas ações políticas do marido. O outro ambiente, também composto de painéis fotográficos e textuais, apresenta a construção de Goiânia e o seu processo de desenvolvimento, tema que era previsto na proposta original, mas que não foi satisfatoriamente trabalhado no decorrer da trajetória do Museu.

As obras de restauro e revitalização abrangeram desde o prédio, com o restauro de paredes, telhados, piso, até a exposição de longa duração que ganhou novos painéis informativos e novos recursos para estudo e pesquisa. O projeto contou com um trabalho de pesquisa criteriosa em fontes bibliográficas — livros publicados, teses, dissertações e monografias de autores que estudaram a vida e a obra do fundador de Goiânia e a sua importância para a história de Goiás.

A pesquisa foi feita também através de fontes orais - dezenas de pioneiros, estudiosos, profissionais que participaram da criação do Museu e familiares de Pedro Ludovico foram ouvidos. São mais de 50 horas de depoimentos gravados em áudio e em vídeo, que estarão disponibilizados, a partir de agora, num espaço reservado para a consulta no piso superior do Museu. Dentre os depoimentos expressivos estão do filho de Pedro Ludovico, Goiano Borges Teixeira, das profissionais responsáveis pelo projeto de criação do Museu, museóloga Edna Taveira e especialista em museologia, Maria Terezinha Campos Santana (primeira diretora do Museu). Foi ouvido também o escritor Adovaldo Fernandes Sam-

paio, que coordenou os trabalhos de implantação do Museu, na época como diretor da Fundação Cultural Pedro Ludovico. Os técnicos responsáveis pelo projeto contaram ainda com a colaboração de Maria Dulce Loyola Teixeira, representante da família, que contribuiu na seleção, identificação e seção de imagens e na indicação e contatos com parentes e amigos de Pedro Ludovico e de dona Gercina.

Com a exposição de longa duração revitalizada, a ação de comunicação do Museu poderá ser aperfeiçoada e não ficará restrita somente à exposição, mas será estabelecida sistematicamente durante todo o processo museológico, desde a pesquisa e preservação até os eventos, reuniões, oficinas e ações educativas.

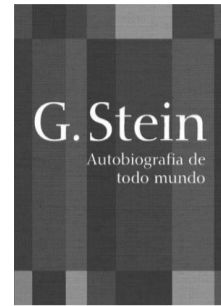
A equipe responsável pelo projeto de revitalização da exposição é composta pelos conservadores de bens culturais, Alba Tânia Rosauro Macedo, João Rosa e Deolinda Taveira, pelo mestre em história, Guilherme Talarico, pelos arquitetos, Marcílio Lemos e Solange Maria de Santana e Silva, além da chefe do Museu, Alenita Toledo e equipe de funcionários. A coordenação técnica é da especialista e doutoranda em museologia Tânia Mendonça.

A partir de sexta-feira, 26, o Museu voltará ao horário de atendimento regular: de terça a sexta-feira, das 9 às 17 horas e nos sábados, domingos e feriados, das 9 às 15 horas. Os agendamentos de escolas poderão ser feitos pelos telefones (62) 3201-4678 e 3201-4680.

## LANÇAMENTOS

## LIVROS

### AUTOBIOGRAFIA DE TODO MUNDO — Gertrude Stein



**Editora:** Cosac Naify

**Preço:** 75,00 reais

Em "Autobiografia de Todo Mundo", Gertrude Stein narra o período que antecede sua viagem aos Estados Unidos para uma série de palestras e o roteiro que percorreu durante dois anos pelas cidades americanas com sua inseparável companheira Alice B. Toklas. Amiga de quase todos os artistas de vanguarda do início do século XX, lá, ela conviveu com notáveis figuras do mundo literário, teatral, do cinema e das artes plásticas. A nova condição de celebridade é o mote que liga suas impagáveis observações sobre tudo e todos.

### A PONTE — Vida e ascensão de Barack Obama

David Remnick



**Editora:** Companhia das Letras

**Preço:** 65,50 reais

O editor da revista "The New Yorker" apresenta a biografia de Barack Obama, o primeiro mito político do século XXI, da juventude dividida entre o Havá e a Indonésia, passando pelos anos em Harvard, o senado, as eleições primárias e a presidência. Através de centenas de entrevistas e uma reconstituição biográfica e histórica, o jornalista empreendeu uma viagem às raízes do presidente americano, refazendo os passos de sua educação "política, racial e sentimental". O livro está disponível apenas para pré-venta. Nas livrarias a partir do dia 28 de novembro.

## FILMES

### VIA LÁCTEA — Luis Buñuel



**Distribuição:** Silver Screen

**Preço:** 41,90 reais

Dois peregrinos vagabundos viajam em direção ao caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, um lugar místico e de influente religiosidade. Em meio à sua jornada, acabam se deparando com diversos personagens bíblicos e históricos, confrontando alguns mistérios do cristianismo e suas heresias. Luis Buñuel faz aquela que talvez seja sua maior e mais irônica crítica à igreja, utilizando-se de histórias registradas nos escritos cristãos.

### ACONTECEU PERTO DA SUA CASA

Remy Belvaux e André Bonzel



**Distribuição:** Magnus Opus

**Preço:** 39,90 reais

Dois jovens documentaristas acompanham a rotina de Ben, um rapaz espirituoso, sofisticado, inteligente, sedutor - e um serial killer. Este pequeno clássico contemporâneo do cinema belga é polêmico por tratar de maneira crua, violenta e repugnante, a vida de um homicida lunático. Gerou controvérsia quando foi o vencedor do prêmio da crítica internacional no Festival de Cannes de 1992.

## MÚSICA

### BACH: VIOLIN & VOICE — Hahn/ Schäfer/ Goerne/ Liebreich



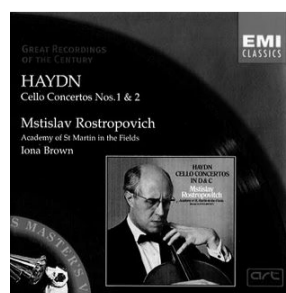
**Distribuição:** Deutsche Grammophon

**Preço:** 64,60 reais

Liderado pela violinista virtuosa Hilary Hahn, o CD traz obras de Johann Sebastian Bach com árias e duos em que a voz dialoga com o violino solo. Ao lado da artista, estão outros dois dentre os mais sofisticados intérpretes do compositor na atualidade: a soprano Christine Schäfer e o barítono Matthias Goerne. Juntos eles interpretam peças como a ária "Gebt mir meinen Jesum wieder" e "Erbarme dich", e trechos das cantatas BWV e da Missa em si menor (a ária "Laudamus te").

### HAYDN: CONCERTOS PARA VIOLONCELO

Antonio Meneses / Northern Sinfonia



**Distribuição:** Clássicos

**Preço:** 35,00 reais

Um dos mais prestigiados violoncelistas da atualidade, o brasileiro Antonio Meneses apresenta a gravação dos dois concertos para violoncelo de Haydn cuja autoria é comprovada. O nº 1 em dó maior, desaparecido durante muitos anos, só foi localizado após a Segunda Guerra Mundial. Da mesma forma, o nº 2 em ré maior só teve seu manuscrito original localizado na década de 1950. Também no disco está o "Concertino" para violoncelo e orquestra de cordas em sol maior, do compositor pernambucano Clóvis Pereira.